

1

O Afeto em Freud

*“La théorie, c'est bon, mais ça n'empêche pas d'exister”*²
Jean-Marie Charcot

1.1

Freud e a Psicanálise

Sigmund Freud nasceu em Freinberg (hoje Příbor), em maio de 1856, quando esta pertencia ainda ao Império Austríaco. Filho de família judia, mudou-se aos 4 anos de idade para a cidade de Viena, onde morou até 1938. Durante sua infância e juventude frequentou o *Gymnasium* e, posteriormente, a universidade, onde teve formação clássica, com estudo do grego, latim, e passou a demonstrar grande interesse pela literatura, as ciências da natureza, história antiga e clássica até se formar médico (Perestrello, 1996). Além das diversas biografias e de uma boa parte de suas correspondências que foram publicadas, uma vasta bibliografia se encontra disponível para aqueles que se interessam por conhecer a vida de Freud e o quanto suas experiências pessoais e familiares e a atmosfera sócio-política de Viena foram determinantes para a construção de seu pensamento.

Certamente, muitas foram as influências de Freud, mas a meu ver duas delas se destacam, por terem sido encontros marcantes e decisivos para ele abandonar o estudo da neuropatologia e se dedicar à clínica. O primeiro deles foi Charcot. Em 1885, Freud foi a Paris, através do auxílio de uma bolsa de estudos concedida pelo Fundo do Jubileu Universitário, com o objetivo de aprofundar seus estudos sobre a anatomia do sistema nervoso. Lá, entre os meses de outubro de 1885 e março de 1886, trabalhou no *Hospice de la Salpêtrière*. Esta experiência lhe permitiu ter acesso a numerosos casos clínicos e o contato científico e pessoal com Jean-Martin Charcot, renomado médico francês. A partir daí, Freud passa a demonstrar uma irrestrita admiração por Charcot. Algumas demonstrações desta

² Essa é uma frase repetida por Freud algumas vezes ao longo de sua obra. Uma das preferidas dele, segundo nota do editor das *Obras Completas*, assim traduzida: ‘Teoria é bom, mas não impede as coisas de existirem’ (Freud, 1893, p. 23). O crédito pela autoria é dado a Charcot. Porém, no artigo *Transferência e Introjeção* (1909), Ferenczi utiliza uma expressão semelhante, dizendo tratar-se de um “provérbio francês”: “*le refus de connaître n’empêche pas d’exister*” (“A recusa em conhecer alguma coisa não impede que essa coisa exista” (Ferenczi, 1909, p. 88).

admiração podem ser encontradas numa carta escrita a sua mulher, no prefácio a sua tradução das *Conferências de Terças-Feiras*, ou ainda no necrológio que fez de seu antigo mestre, em 16 de agosto de 1893.

Não resta dúvida que a convivência entre os dois foi fundamental para que Freud voltasse seu interesse para os estudos da histeria e da hipnose, àquela época, tratados com reserva e preconceito nos meios científicos, como se fossem simulações. Segundo o próprio Freud, foi Charcot quem emprestou credibilidade a esses estudos ao se dispor a examiná-los com profundidade e de maneira criteriosa (Freud, 1956[1886]).

De volta a Viena, Freud se dividiu entre o estudo da neurologia e da psicopatologia, publicando alguns artigos relativos a esses temas em revistas médicas, ainda sob forte influência das idéias de Charcot. Poucos anos depois, Freud começa a trabalhar em cooperação com Josef Breuer (o segundo encontro marcante) sobre um grande número de casos de pacientes histéricos, onde passa a combinar o tratamento através da hipnose com o método catártico de Breuer. A parceria entre os dois, porém, dura pouco. Com o passar do tempo, Freud vai se distanciando teoricamente tanto de Charcot quanto de Breuer para se lançar em voos solos na produção teórica e desenvolver as suas próprias inovações clínicas.

Apesar do repúdio inicial ao seu trabalho e das ofensas de que foi vítima por haver *perturbado o sono do mundo* com suas descobertas e sua insistência em torná-las públicas, pouco a pouco, Freud e a psicanálise foram encontrando seus seguidores, que também passaram a divulgar e a favorecer a aceitação e a penetração das idéias psicanalíticas para além das fronteiras do pequeno círculo de Viena, em diferentes países. Desta maneira, criaram-se as condições para os primeiros passos de institucionalização do movimento psicanalítico (Freud, 1914).

Freud foi um leitor atento do mundo a sua volta e, embora poucas vezes possamos encontrar referências claras em seus textos, seu pensamento esteve permanentemente aberto ao diálogo e à interlocução com a produção científica e filosófica de sua época, responsáveis em grande parte por sua inquietação intelectual e pelas constantes transformações em sua teoria. Desde muito cedo, porém, e ao longo do desenvolvimento de sua obra, Freud voltou seu olhar para além da clínica *stricto senso*, ao se interessar pela análise e o estudo dos sonhos, dos atos falhos, da psicopatologia da vida cotidiana, e de outros elementos da

cultura, como a arte, a religião e a educação. Além de um escritor de grande talento e qualidade, Freud foi também um observador clínico sensível e criativo.

Para muitos pesquisadores e psicanalistas, a escolha de retorno à obra freudiana para iniciar a discussão sobre o tema do afeto em psicanálise pode parecer óbvia ou até mesmo, mais do que isso, indispensável. Para mim, ao contrário, passados mais de cem anos desde a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900) e dos milhares de livros, obras e artigos produzidos por numerosos estudiosos e comentadores, parece-me necessário justificar essa escolha.

Em parte, ela se deve à centralidade e à presença da obra de Freud no campo psicanalítico ainda hoje. Apesar da influência de autores e correntes pós-freudianas de distintos matizes em diferentes países e regiões, em que pese as gigantescas diferenças entre elas, todas mantêm uma filiação direta e inquestionável com a herança freudiana, que permanece sendo a referência fundamental para o campo e que se apresenta como terreno comum e fértil, conferindo unidade à diáspora e à diversidade psicanalíticas (Bercherie, 1984). Não posso me furtar a reconhecer que este fato só se tornou possível pela genialidade, originalidade e, sobretudo, pela complexidade da obra freudiana, capaz de inspirar uma legião de seguidores ao redor do mundo e de influenciar de maneira decisiva o pensamento ocidental ao longo do século XX, ao produzir a “derrubada da razão e da consciência do lugar sagrado em que se encontravam. Ao fazer da consciência um mero efeito de superfície do Inconsciente” (Garcia-Roza, 1984, p.20). Nas palavras do próprio Freud, a psicanálise foi responsável por efetuar o “terceiro golpe narcísico” (o “golpe psicológico”) na história da humanidade, comparável apenas aos efeitos produzidos pelas obras de Copérnico no século XVI (o “golpe cosmológico”) e de Darwin no século XIX (o “golpe biológico”), ao chegar “à afirmação de que o *ego não é o senhor da sua própria casa*” (Freud, 1917, p. 178, grifado no original).

Porém, se por um lado, essa referência permite certa noção de unidade e de possibilidade de diálogo entre as diferentes correntes, por outro lado, tem como consequência se transformar num impedimento para o desenvolvimento teórico e clínico, pela postura ortodoxa e dogmática que determinados atores e espaços de formação e prática da psicanálise apresentam diante da produção freudiana.

De acordo com André Green (1982), devemos entender que o modelo teórico freudiano se originou da clínica psicanalítica estreitamente centrada no campo das neuroses, dentro do horizonte conceitual do pensamento moderno e de suas categorias. Para Green,

apesar de a obra de Freud ter tido como resultado desarrumar um pouco essas categorias, no entanto ela permaneceu necessariamente dependente delas. Deste modo, pode-se dizer que, apesar do seu alcance revolucionário, essa obra permanece dentro da metafísica ocidental (Green, 1982, p.17).

Carlos Alberto Plastino (2001) considera que a adesão de Freud aos pressupostos centrais do paradigma moderno foi decisiva para que os impasses teóricos da elaboração da metapsicologia freudiana fossem apenas parcial e insuficientemente superados. Segundo Plastino,

a criação imaginária decisiva na construção do paradigma da modernidade foi a separação do ser humano e da natureza, fundando um dualismo básico do qual derivam posteriormente os dualismos que separam o corpo do psiquismo, o sujeito do objeto e a natureza da cultura. Estes dualismos constituem a matriz em que foi gerada a concepção racionalista do homem e a concepção maquínica da natureza (Plastino, 2001, p.13).

No entanto, Plastino ressalta que a “circunstancial defesa feita por Freud dos pressupostos básicos do cientificismo positivista, em franca oposição a suas próprias descobertas, não invalida sua teoria” (Plastino, 2001, p.19). Pois, tendo a clínica como a experiência singular de produção de conhecimento, a psicanálise não se constituiu apenas como um novo saber, mas como uma nova forma de saber.

Nessa nova forma de saber, o conhecimento não é gerado por um sujeito que se debruça com neutralidade sobre seu objeto, registrando causas materiais e quantificáveis, mas é produzido no interior de um campo empírico singular, constituído por uma *relação intersubjetiva* caracterizada por *relações de afeto*, isto é, por resistências, transferências e contratransferências (Plastino, 2001, p. 22, grifado no original).

Em *A História do Movimento Psicanalítico* (1914), Freud afirma que a psicanálise teve início a partir da modificação introduzida por ele à técnica do método catártico de Breuer. Interessante considerar que o nascimento da psicanálise se deu por uma inovação no dispositivo de tratamento, fruto da

sensibilidade, criatividade e flexibilidade de Freud para empreender essa *elasticidade da técnica*, abrindo caminho para a construção de novos cenários teóricos. Segundo Pinheiro (2000), embora muitas vezes essa articulação entre teoria e clínica não tenha sido fácil ao longo da história da psicanálise, Freud “insiste todo o tempo que teoria e prática clínica estão intimamente ligadas, uma remete à outra necessariamente, ou, melhor ainda, uma é fiadora da outra” (Pinheiro, 2000, p.58). Para Pinheiro (2000), assim como para muitos historiadores e teóricos da psicanálise, o texto *A Interpretação dos Sonhos* (1900)

não é o ponto de partida da psicanálise, mas o texto que concebe a psicanálise como um saber. Nele a hipótese do inconsciente encontra um modelo teórico coerente em que os conceitos estão encadeados e articulados na proposta de um aparelho psíquico (Pinheiro, 2000, p.55).

De acordo com Laplanche e Pontalis, em *Vocabulário da Psicanálise* (1970), os termos psicanálise e metapsicologia nascem no mesmo ano de 1896, o primeiro no artigo publicado em francês *Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses* (1896), e o segundo numa carta a Fliess. Na descrição do *Vocabulário*, metapsicologia é o

termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceptuais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo de recalçamento, etc. (Laplanche&Pontalis, 1970, p.361-362).

A definição mais exata e completa, porém, só se fez no ano de 1915, nos *Artigos sobre Metapsicologia*, quando a descrição do processo psíquico ganhou o seu “terceiro ponto de vista”, o econômico, ao lado do tópico e do dinâmico. Na introdução ao texto das pulsões e seus destinos, Freud explicita e concebe o modo como se dá o processo de construção teórica em ciência, em geral, e na sua ciência em particular.

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas

observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções – embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos mais básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo ‘conceitos básicos’, que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo. (Freud, 1915, p. 137, grifado no original).

Em defesa à argumentação de Freud, Paul-Laurent Assoun (1996) afirma a necessidade de invenção no trabalho teórico, chamando a atenção, porém, para que a invenção se dê no sentido de combinar audácia e a desconfiança do arbitrário. Sobre a ficção metapsicológica ele nos diz:

Uma ficção não é simplesmente o “não verdadeiro”, semblante ou aparência, mas um constructo portador de virtualidades de conhecimento: se construímos alguma coisa de que se sabe que “nada (lhe) corresponde na realidade”, é que, por uma estratégia epistêmica deliberada, esperamos tirar disso um efeito que, sem esse “ficcionalismo”, seria impossível (Assoun, 1996, p. 57, grifado no original).

Para Assoun, foi assim que Freud empreendeu a sua descrição no trabalho dos sonhos, na construção do aparelho psíquico e, posteriormente, com o conceito de pulsão.

Tem-se aí um retrato edificante do conceito metapsicológico: compromisso estrito entre uma exigência de rigor formal – ele deve conter a maior densidade possível de determinações em sua “compreensão” – e de “mobilidade do conteúdo” – pela multiplicação em “extensão” das “relações” experienciais. Sob o primeiro ponto de vista, o termo “ficção” não lhe convém, decididamente, na medida em que acentua o caráter “irreal”, ao passo que o conceito metapsicológico contém o reflexo mais fiel possível de determinações do objeto descrito e restituído; sob o segundo ponto de vista, o termo “conceito” deve ser manejado com prudência, na medida em que em nenhum momento a experiência é submetida e de certa forma dominada por um “*a priori*”: o conceito

metapsicológico é feito “para viver”, e sente-se nele o próprio ciclo do “conteúdo” que faz a sua “carne” (Assoun, 1996, p.67, grifado no original).

Faz-se necessário, portanto, na atualidade do campo psicanalítico uma postura de análise crítica do texto freudiano, sobretudo no que diz respeito aos pressupostos de base do seu pensamento. Pois, devemos reconhecer que a psicanálise na contemporaneidade já não é mais a mesma dos tempos de Freud, nem tampouco o mundo em que vivemos.

Desse modo, a análise a que me proponho fazer sobre o afeto em Freud visa engrossar o coro daqueles que consideram importante e inadiável estabelecer essa crítica buscando a superação desses impasses teóricos. Pois, se quisermos avançar para além das imposições e limitações dos pressupostos modernos que sustentam a teoria freudiana, precisamos ousar na elaboração e desenvolvimento de uma nova construção teórica, mais articulada aos fenômenos contemporâneos, que possam vir a se constituir em ferramentas mais úteis e coerentes para a nossa realidade com o cuidado e critério de não jogar fora o bebê junto com a água suja da bacia.

1.2

Sobre o afeto em Freud

O termo afeto esteve presente na obra freudiana desde os estudos sobre a histeria, sem jamais ter sido abandonado, apesar das transformações ocorridas ao longo da teoria psicanalítica. Nos trabalhos de Laplanche, *A Angústia* (1998), de 1980, André Green, *O Discurso Vivo* (1982), de 1973, e Netto dos Reis (1998) sobre a análise da temática do afeto no texto freudiano não se evidenciam discordâncias entre os autores, nem mesmo no que se refere à proposta de periodização dos estatutos do afeto em Freud. Ela tende a seguir, como é comum aos comentadores de Freud, os diferentes momentos da obra freudiana, a saber: a primeira e a segunda tópicos, as teorias da angústia e as teorias pulsionais. Por esse motivo e, principalmente, por considerar que as transformações na teoria do afeto não negam ou invalidam inteiramente as postulações anteriores, optei por fazer uma apresentação cronológica dos textos sem me preocupar em caracterizá-los e organizá-los em períodos.

O Afeto na Pré-História da Psicanálise

As primeiras teorizações a respeito do afeto nos textos freudianos são anteriores ao período psicanalítico e tiveram a marca da concepção quantitativa proposta por Freud para o funcionamento do aparelho psíquico. Esse foi um momento fecundo da obra freudiana e continuou a exercer grande influência sobre os trabalhos posteriores, tendo servido de base não apenas para as teorizações a respeito do afeto, mas também por já delinear vários conceitos centrais da teoria psicanalítica.

Em *Histeria* (1888), Freud faz uma breve descrição da história e da sintomatologia da doença (sintomas físicos) - nevralgias, anestésias, convulsões, contraturas, tiques etc - descartando a idéia de que em sua origem haveria uma doença orgânica e reconhecendo o fator hereditariedade como determinante, enquanto que as diferentes causas incidentais, tais como o trauma, o luto, emoção ou intoxicação, são relegadas a um fator desencadeante, secundário. De acordo com Freud, nos casos de histeria, observa-se juntamente com os sintomas físicos uma série de distúrbios psíquicos,

representados pelas alterações no curso e na associação de idéias, inibições da atividade e da vontade, exagero e supressão dos sentimentos, etc. – que podem ser resumidos como *alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação*. (Freud, 1888, p.90, grifado no original).

Porém, adverte que a presença de um ou mais desses distúrbios não são necessários para o diagnóstico de histeria. Essa constatação é decorrente das análises de casos em que os pacientes percebiam seus sintomas como algo alheio e mantinham os estados psíquicos preservados, o que favorece a compreensão de que essas modificações psíquicas ocorrem na esfera inconsciente. Quanto ao tratamento, além das medidas profiláticas comuns a essa época, como massagens, tratamento por eletricidade, isolamento, repouso, alimentação abundante, entre outras, Freud revela uma intervenção direta na remoção das causas psíquicas na vida ideativa inconsciente, responsáveis pelo estímulo à histeria. Ele se refere à hipnose, que consiste em dar ao paciente hipnotizado uma sugestão que contém a remoção da idéia que atua sobre o sintoma. Ao que ele acrescenta:

O efeito até se torna maior se adotarmos um método posto em prática, pela primeira vez, por Joseph Breuer, em Viena, e fizermos o paciente, sob hipnose, remontar à pré-história psíquica da doença (Freud, 1888, p. 99).

Anos mais tarde, em conferência apresentada numa reunião do Clube Médico de Viena, em 1893, Freud aponta:

Uma experiência afetivamente marcante por trás das maiorias dos fenômenos da histeria, se não de todos; além do mais, que essa experiência é de tipo tal que torna inteligível o sintoma ao qual se relaciona. (Freud, 1893, p. 43).

Mais adiante, Freud faz uma analogia entre a paralisia traumática e a histeria comum, não traumática. A diferença entre elas estaria tão somente no evento traumático, podendo ser um trauma mecânico ou uma série de impressões afetivas, o que chama a atenção para os aspectos psíquico e afetivo do trauma.

Esta conferência foi realizada no intervalo entre a publicação da primeira e da segunda parte de *Comunicação Preliminar* (1893), fruto da parceria com Breuer. Neste texto, é conferida ao afeto grande importância, não apenas no campo teórico, na compreensão da etiologia histórica e das neuroses traumáticas, mas também ao oferecer um espaço para a sua expressão na prática clínica, no tratamento pelo método catártico. A ideia fundamental é a de que a histeria tem origem num acontecimento traumático desencadeante. E que, a partir dele, uma conexão causal (ou uma relação simbólica) se realizaria entre este acontecimento - ou melhor, entre a sua lembrança - e o sintoma. Este acontecimento se torna traumático por não ter havido uma reação frente a ele, uma reação que permitisse o escoamento da excitação. Por reação, entende-se “toda classe de reflexos voluntários e involuntários – das lágrimas aos atos de vingança – nos quais, como a experiência nos mostra, as emoções são descarregadas” (Breuer&Freud, 1893-1895, p. 48). Desse modo, nos casos onde não houve essa reação, o afeto permanece preso à lembrança (ideia), funcionando como agente ativo na produção do sintoma, apesar da incapacidade do paciente de evocá-la, pois, de alguma forma, ela se encontra isolada do conteúdo da consciência. O que os leva a sentenciar a frase: “*Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências*” (Breuer&Freud, 1893-1895, p. 48, grifado no original).

O tratamento pelo método catártico é descrito com a proposta de fazer o paciente, sob hipnose, evocar da forma mais nítida possível a lembrança do

trauma que resultou no sintoma histérico (físico), propiciando o despertar da emoção que acompanhou esse acontecimento, através de um relato detalhado, traduzindo a emoção em palavras. Sobre o tratamento pelo método catártico, há uma passagem particularmente interessante a respeito do lugar do afeto, diz ela:

A lembrança sem emoção quase invariavelmente não produz nenhum resultado. O processo psíquico que originalmente ocorreu deve ser levado de volta ao seu *status nascendi* e então receber a expressão verbal. (Breuer&Freud, 1893-1895, p. 47, grifado no original).

Somente através de uma reação adequada em relação ao trauma que se obtém um efeito inteiramente catártico, purgatório. Segundo os autores, porém, “a linguagem serve de substituto para a ação; com sua ajuda, uma emoção pode ser abreagida quase que com a mesma eficácia” (Breuer&Freud, 1893-1895:49), ou ainda, através do processo associativo, onde uma ideia pode ser retificada por outras, provocando o desaparecimento da emoção que a acompanhava.

Dois grupos de condições são apresentados como motivos que impediram essa descarga, podendo ocorrer simultaneamente. Em ambos os grupos, destaca-se a presença do aspecto afetivo. O primeiro deles se refere aos casos em que:

A natureza do trauma excluía uma reação, como no caso de perda irreparável de um ente querido, ou porque se tratavam de coisas que o paciente desejava esquecer, e portanto intencionalmente reprimiu, inibiu e suprimiu do seu pensamento consciente. (Breuer&Freud, 1893-1895, p. 50-51).

Já o segundo, refere-se aos estados psíquicos em que se encontravam os pacientes no momento de origem do trauma, tomados por emoções paralisantes, como o susto. Esses casos são considerados, respectivamente, histeria de retenção e histeria hipnóide.

Antes de prosseguirmos, é necessário fazer algumas observações a respeito dos termos adotados até aqui. Afetos e emoções são tratados quase como sinônimos em algumas passagens, carecendo de uma conceituação bem definida. Como, por exemplo, no caso de Miss Lucy R., descrito por Freud nos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), onde aparecem as expressões ‘afetos em conflito’ e ‘emoções em conflito’, sem que se consiga depreender qualquer diferença de sentido entre elas. Um outro ponto diz respeito ao entendimento sobre o trauma. De acordo com Laplanche e Pontalis, nesse momento da obra freudiana, devemos

compreendê-lo como “um acontecimento pessoal da história do indivíduo, datável e subjetivamente importante pelos afectos penosos que pode desencadear” (Laplanche&Pontalis, 1970, p. 680).

No texto sobre *As Neuropsicoses de Defesa* (1894), Freud retoma a concepção apresentada na *Comunicação Preliminar* de que, nos casos de histeria, há uma divisão da consciência. Esta seria resultado de uma defesa psíquica por parte do ego, com o objetivo de afastar de si uma ideia que lhe é incompatível, retirando dela o seu afeto, tornando-a fraca. A soma de excitação, porém, não desaparece, devendo ser utilizada de outra forma. Segundo Freud, nos casos de histeria, a soma de excitação é transformada em alguma coisa somática, através de uma inervação motora ou sensorial. A esse mecanismo ele dá o nome de conversão. A conversão, no entanto, é sempre instável e de caráter provisório. Tanto um afeto recente pode fazer a ideia ser novamente ativada, como a excitação pode reclamar seu retorno à ideia. Nos casos de fobias e obsessões, porém, o mecanismo é outro. Neles, o afeto é separado da ideia incompatível e ambos permanecem na esfera psíquica. Para Freud, a ideia enfraquecida é:

Deixada na consciência separada de toda associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras idéias que não lhe sejam incompatíveis; e, graças a essa ‘falsa conexão’, tais idéias desenvolvem-se como obsessivas. (Freud, 1894, p. 64, grifado no original).

Esta afirmação precede outra importante constatação, a de que essas ideias incompatíveis e seus afetos aflitivos são despertados a partir da vida sexual de seus pacientes, em todos os casos clínicos analisados por ele. Freud ainda propõe um outro tipo de defesa que atuaria na rejeição completa da ideia incompatível e de seu afeto, como se jamais tivessem existido. Esse caso seria caracterizado por uma confusão alucinatória (comum às psicoses).

A partir desse texto, o termo afeto passa a designar não apenas a qualidade dos estados emocionais, mas também uma quantidade indeterminada, definida por Freud da seguinte maneira:

Nas funções mentais deve ser distinguida alguma coisa – uma quota de afeto ou soma de excitação – que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios para medi-la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de

memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície do corpo. (Freud, 1894, p. 73)

No artigo *Obsessões e Fobias* (1895[1894]a), Freud analisa de forma mais detalhada cada um dos casos. Para ele, nas obsessões, o estado emocional³ pode variar muito, de acordo com a ideia a que ele se associa. No grupo das fobias, porém, o estado emocional é sempre de angústia. No primeiro grupo, o das obsessões, o estado emocional permanece inalterado e persiste indefinidamente, enquanto a ideia original relacionada à origem da obsessão foi deslocada e substituída por outra. A explicação que Freud dá para essa persistência de um estado emocional é a mesma que mantém os sintomas físicos da histeria, quer dizer, a impossibilidade de descarga através de uma reação adequada à idéia original. A fim de fazer uma distinção entre os dois grupos, Freud afirma que a substituição não é predominante nas fobias e que o estado de angústia, característico deste grupo, só se apresenta se estiverem reunidas as condições relacionadas à fobia, não sendo, portanto resultado de uma lembrança.

Ao final do ano de 1894, Freud conclui um texto onde podemos reconhecer a sementeira de algumas ideias que serão desenvolvidas no *Projeto* e da importância que a angústia assumirá para a teoria psicanalítica. Neste texto, Freud procura distinguir dos casos de neurastenia, uma síndrome particular a que ele denomina neurose de angústia, cujo quadro clínico apresenta irritabilidade, indicativo de um acúmulo de excitação ou de uma baixa capacidade de suportá-lo, e uma expectativa ansiosa, o que possibilita que a excitação livre venha a se ligar a qualquer conteúdo ideativo. Elas ainda podem vir acompanhadas de uma longa lista de “ataques de angústia”, que incluem tremores, vertigem, suor, pavor noturno etc.

A etiologia desta neurose está relacionada a um conjunto de perturbações e influências da vida sexual. Seu mecanismo se explica através de “*uma deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica, com um conseqüente emprego anormal desta excitação*” (Freud, 1895[1894]b, p. 126, grifado no original), e seus sintomas, através da substituição da ação específica – aquela que promove a descarga - posterior à excitação sexual. Em abril de 1895, Breuer e Freud

³ O texto *Obsessões e Fobias* foi escrito originalmente em francês. A expressão *état émotif* (estado emocional) foi traduzida para o alemão como *affekt* (afeto).

reimprimem a *Comunicação Preliminar* (1893), agregando à ela novos capítulos, reunidos no livro *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Nele, as divergências entre os dois autores passam a ficar mais claras, sem que para isso tenham que negar o que há de essencial no trabalho conjunto. No capítulo sobre a psicoterapia da histeria, Freud faz um apanhado sobre as dificuldades e limitações do método catártico, a partir da experiência clínica adquirida no transcorrer dos anos. Essas observações o levaram a acrescentar novidades à técnica terapêutica e a considerar novos argumentos a respeito da etiologia e do mecanismo das neuroses em geral.

A primeira dessas observações se refere à dificuldade de identificar de forma nítida um quadro histérico sem a realização da análise completa do caso. Desse modo, Freud estende o método catártico para outros casos de neuroses, o que lhe permite fazer uma distinção entre os quadros clínicos, apreendendo também aquilo que é comum a todos eles. A segunda diz respeito a ter de se reconhecer que nem todos os pacientes que apresentavam evidentes sintomas histéricos podiam ser hipnotizados. Para isso, Freud segue o exemplo de Bernheim (médico hipnotizador) e, mesmo sem ter submetido seus pacientes à hipnose, assegurava-lhes que poderiam recordar ideias ‘esquecidas’ (lembranças patogênicas). Com os resultados positivos, Freud afirma ter se tornado ainda mais insistente, passando a pedir aos pacientes para se deitarem, fecharem os olhos, com o objetivo de estarem mais concentrados. Em certos momentos, Freud usava como artifício técnico uma pressão com a mão sobre a testa do paciente e pedia para que relatasse imagens, pensamentos ou idéias que lhe ocorreram, sem censura, vergonha (ou quaisquer outros motivos emocionais) ou por julgar que se tratasse de comentários sem importância.

O abandono da técnica hipnótica levou Freud a importantes descobertas que viriam a ser fundamentais para a teoria e a clínica psicanalíticas. A primeira delas, talvez, tenha sido o acesso ao fenômeno da defesa, cujo caminho era obstaculizado pelo estado hipnótico do paciente (Garcia-Roza, 1984). Freud aventava a existência de uma força psíquica que impede a lembrança das ideias patogênicas e que, na clínica, se apresenta como resistência à associação. Algumas características no falar do paciente podem ser encaradas como indícios de resistência, tais como pausas (principalmente as mais longas), depreciação de

relatos, transformação de idéias importantes em acessórias, inadequabilidade emotiva, entre outros.

Em recomendação aos médicos, Freud resume o trabalho terapêutico como sendo o de superar essa resistência, dissolvê-la, ou de induzir o paciente a reproduzir as impressões patogênicas que provocaram o sintoma histérico externando-as como expressão de emoção, ao que acrescenta:

Além dos motivos intelectuais que mobilizamos para superar a resistência, há um fator afetivo, a influência pessoal do médico, que raramente podemos dispensar, e em grande número de casos só esse segundo fator está em condições de remover a resistência. (Freud, 1895/Breuer&Freud 1893-1895, p. 340).

Em sua análise sobre este primeiro momento da obra freudiana, Monique Schneider demonstra que “o afeto não estaria, então, somente do lado do mal sofrido; ele intervém também nos procedimentos que visam expulsar este mal” (Schneider, 1994, p. 24). Para Freud, a experiência clínica revela que, ao invés de um único sintoma ou uma única ideia patogênica, existem sucessões de traumas parciais relacionados a cadeias patogênicas de pensamento. A partir desta constatação, ele propõe uma complexa e multidimensional organização psíquica estratificada a partir de um núcleo patogênico, seguindo arranjos cronológicos temáticos, num sistema de cadeias que convergem, se ramificam e se interconectam, com relações inclusive com o ego normal.

Para ele, a consciência do ego é uma fenda estreita por onde passa apenas uma lembrança de cada vez, tornando impossível, segundo suas observações clínicas, obter acesso direto ao núcleo patogênico. Com isso, Freud passa a dar importância às reproduções espontâneas do paciente e pede para que ele fale daquilo que sabe ou recorda, fazendo com que associe livremente e consiga, passo a passo, superar as resistências em direção ao núcleo. Assim, “as coisas que [ele] traz à tona dessa maneira freqüentemente parecem sem ligação, mas oferecem material que terá significado quando se descobrir uma ligação posteriormente” (Freud, 1895, p. 349).

Ainda em 1895, Freud escreve um artigo motivado pelas críticas que recebeu de Leopold Löwenfeld, psiquiatra de Munique, sobre o texto em que postulava a neurose de angústia. Nele, Freud apresenta dois principais conjuntos de determinantes das neuroses, a precondição hereditária e fatores relacionados à

experiência. Este último conjunto é dividido entre causas específicas e auxiliares. O fator sexual é apontado como predominante no desenvolvimento da neurose, sendo, portanto, sua causa específica. Dessa forma, Freud expõe de maneira mais detalhada a ideia de que a etiologia das neuroses repousa sobre a sexualidade. No que se refere à emoção, Freud passa a considerá-la como uma causa auxiliar, um fator banal, mas insiste em afirmar que ela é, em grande parte, responsável pela eclosão da doença (Freud, 1895).

O texto do *Projeto para uma Psicologia Científica* foi escrito em 1895, mas teve a sua primeira publicação no ano de 1950, portanto mais de dez anos após a morte de Freud. O que poderia parecer apenas uma curiosidade, contudo, revela a imensa controvérsia em torno deste texto desde a sua origem, a começar pelo próprio autor. Se por um lado, Freud esteve particularmente envolvido na sua elaboração, por outro, deixou-o inacabado e sem publicação. Essa ambigüidade pode ser constatada no conteúdo da intensa troca de correspondências que Freud manteve com Fliess enquanto se dedicava à redação do *Projeto*. A publicação do texto, em 1950, reacendeu a polêmica, dessa vez, entre psicanalistas e comentadores de Freud.

Muitas das ideias apresentadas nele foram desenvolvidas posteriormente nos textos psicanalíticos, daí a sua importância. Podemos reconhecer no *Projeto*, um trabalho que é fruto de sua época e da formação científica positivista de Freud (Garcia-Roza, 2001). Pode-se acrescentar ainda o fato do *Projeto* ter-se constituído no seu primeiro esforço em construir um modelo teórico sobre o funcionamento psíquico. Na breve introdução do texto, ele afirma:

A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco. (Freud, 1950[1895], p. 395).

Essa ideia deriva das observações clínicas, a partir dos processos de estimulação, substituição, conversão e descarga verificados na histeria e nas obsessões que, segundo Freud, sugerem uma concepção de excitação neuronal como quantidade em estado fluente. Ele estabelece, então, o princípio básico da atividade neuronal em relação à quantidade de estímulos externos, a inércia neurônica: tendência dos neurônios a se desfazer de Q (quantidade) – o motivo do

movimento reflexo. Uma função secundária deste princípio é a fuga do estímulo. Porém, nos organismos complexos, o sistema nervoso recebe estímulos provenientes também do interior do corpo, geradores de necessidades, tais como a fome, a respiração e a sexualidade. Para essas quantidades endógenas (Q_n), ele não dispõe de meios para a fuga e elas só podem ser descarregadas através de uma ação específica no mundo externo. Dessa forma, o sistema nervoso deve aprender a tolerar um acúmulo de Q_n e mantê-la no mais baixo nível possível – ou seja, constante.

Ao combinar a concepção quantitativa com a noção dos neurônios como suporte material e elemento constituinte do aparelho psíquico, Freud admite que existam resistências opostas à descarga, provavelmente localizadas nos contatos entre os neurônios, funcionando como barreiras. Quanto à permeabilidade à Q_n , os neurônios são inicialmente classificados em dois tipos: 1) Neurônios ϕ (permeáveis): deixam passar a Q_n como se não tivessem barreiras de contato e, após a passagem da excitação, retornam ao estado anterior. São destinados à percepção. 2) Neurônios φ (impermeáveis): permitem a passagem de Q_n com dificuldade ou parcialmente e, depois de cada excitação, ficam em um estado permanentemente alterado, o que lhes possibilita representar a memória. É necessário enfatizar que a diferença aqui proposta entre os neurônios é de ordem funcional e não morfológica.

De acordo com Freud, as alterações nas barreiras de contato favorecem a condução da excitação, tornando os neurônios φ menos impermeáveis, ou seja, mais semelhantes aos neurônios ϕ . Assim, a memória está representada pelos diferentes graus de facilitação entre as barreiras de contato dos neurônios φ , o que depende da magnitude da impressão e da frequência com que ela se repete. Outra distinção se refere às fontes das quantidades. O sistema de neurônios ϕ é atingido por estímulos exógenos, enquanto que o sistema de neurônios φ recebe Q dos neurônios ϕ e dos elementos celulares do corpo.

Em seu trajeto, Freud se depara com os limites da eficiência dos dispositivos do sistema nervoso em manter as Q s afastadas dos neurônios e de descarregá-las. A dor, segundo ele, é o caso flagrante do fracasso destes dispositivos, caracterizada pela irrupção de grandes quantidades em ϕ e φ . O afeto

seria explicado pelo mesmo mecanismo, através de uma liberação súbita de Qn. Ou, como afirma Schneider, no *Projeto*,

o afeto se caracteriza principalmente por um aumento de excitação, ele se apresenta, então, como um mal a eliminar. O afeto é, antes de tudo, esta perturbação a ser reduzida para que o aparelho psíquico reencontre um equilíbrio satisfatório. (Schneider, 1994, p. 17).

Entretanto, Garcia-Roza adverte que associar os afetos a experiências desagradáveis, tal como aparece no *Projeto*, estaria incorreto, posto que em vários outros momentos, Freud associa os afetos tanto a sensações de desprazer como de prazer (Garcia-Roza, 2001), também entendidas em termos de aumento (desprazer) e diminuição (prazer) quantitativa da excitação. A concepção quantitativa, portanto, mostra-se insuficiente para dar conta de aspectos relacionados à *qualidade* e à consciência. Porém, numa tentativa de explicá-los, Freud propõe um outro sistema de neurônios, responsável pela percepção-consciência, o sistema ω – “que é excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de excitação produziram as diversas qualidades – ou seja, que seriam as *sensações conscientes*” (Freud, 1950[1895], p. 411, grifado no original). Como os outros neurônios, o sistema ω também deve ser concebido como investido de Q e orientado para a descarga. Porém, as características dos conteúdos da consciência, como a mutabilidade e transitoriedade obrigam a pensar este sistema como completamente permeável e com total restauração do estado anterior, sem representação de memória.

Através de uma complicada e obscura relação entre os sistemas neuronais, Freud procura resolver estes impasses relativos à consciência e à qualidade. Para ele, haveria uma característica temporal, designada *período*, na passagem das quantidades entre os sistemas e, ainda, uma característica qualitativa, que somente em ω produziram sensações, transformando quantidade em qualidade. A partir disso, podemos concluir que os estados emocionais (tonalidades afetivas ou, simplesmente, os afetos), derivados conscientes de uma quota de afeto indeterminada, são percebidos também pelo sistema ω .

No início de 1896, Freud escreve um artigo no qual faz objeções à teoria etiológica das neuroses de Charcot, da qual ele próprio compartilhava. Para ele, fatores hereditários devem ser entendidos como uma precondição importante nos

casos graves de neuroses, mas que não seriam expressos sem a colaboração de causas específicas. Já nos casos leves, Freud se questiona se a hereditariedade exerceria qualquer influência. Do seu ponto de vista, a partir de uma análise retrospectiva do passado dos pacientes, pelo encadeamento entre o sintoma e as lembranças despertadas, foi possível chegar, em todos os casos, a algum ponto da vida sexual capaz de produzir uma emoção aflitiva, podendo ser tanto uma experiência que afete o corpo do sujeito, como impressões auditivas ou visuais. Portanto, o agente da neurose seria uma lembrança inconsciente desta experiência de excitação sexual precoce ocorrida antes da puberdade, mais precisamente antes dos oito ou dez anos (Freud, 1896a). Menos de dois meses depois, em outro artigo a respeito da etiologia das neuroses, Freud revela: “abre-se a perspectiva de que aquilo que tenha sido até então deixado à conta de uma ainda inexplicada predisposição hereditária possa ser compreendido como tendo sido adquirido em tenra idade” (Freud, 1896b, p. 229).

Para Freud, a emoção e o trauma deixam de ser determinantes e passam a ser encarados como causas concorrentes (ou auxiliares) banais da neurose apenas por oferecerem perturbações à economia do sistema nervoso e por despertarem o traço psíquico inconsciente do evento infantil. Elas podem “substituir a etiologia específica no que toca à quantidade, mas nunca podem ocupar inteiramente seu lugar” (Freud, 1896a, p. 171). A esse respeito, porém, cabe apontar que Freud está se referindo aos estados emocionais atuais e, dessa forma, não há qualquer contradição com o que ele afirmara na *Comunicação Preliminar* (1893), já que a cena traumática infantil, de conotação sexual, gerou uma emoção aflitiva, para a qual não houve a descarga.

Quase dois anos mais tarde, muitas dessas idéias foram reunidas no artigo *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (1898), onde Freud defende de maneira contundente suas formulações teóricas e demonstra grande confiança no novo processo terapêutico desenvolvido por ele, a partir do método catártico de Joseph Breuer, a psicanálise⁴. Após a realização do *Projeto* Freud não deu descanso a suas investigações teóricas. Dedicava-se aos estudos dos sonhos e, ainda, continuava a dar atenção aos problemas clínicos enquanto empreendia sua auto-análise. O resultado desse trabalho foi a conclusão em novembro de 1899 de uma

⁴ Em 1914, no texto sobre A História do Movimento Psicanalítico, Freud irá rever essa colocação, assumindo a responsabilidade e sua autoria individual da psicanálise.

de suas obras mais importantes, *A Interpretação dos Sonhos*, publicada apenas no ano seguinte.

O afeto nos Sonhos

A Interpretação dos Sonhos traz algumas importantes diferenças em relação ao *Projeto* e representa um verdadeiro corte epistemológico na produção da teoria freudiana. Nele, desaparecem as referências anatômicas aos neurônios e, em seu lugar, Freud apresenta uma concepção tópica do aparelho psíquico, formado por sistemas ou instâncias, “marcado por um conflito entre os sistemas, o que torna a concepção tópica inseparável da dinâmica” (Garcia-Roza, 1984, p. 77). Além disso, inaugura uma nova fase de descobertas e contribuições para a teoria psicanalítica. Entre elas, destacam-se as noções de realidade psíquica e fantasia, a afirmação de uma sexualidade infantil e o conceito de pulsão. Se, por um lado, podemos considerar que o abandono da técnica hipnótica e do método catártico levou Freud a importantes descobertas que viriam a ser fundamentais para a teoria e a clínica psicanalíticas, por outro lado, podemos apontar que ele foi, em parte, responsável por relegar a questão afetiva e corporal a um segundo plano.

No capítulo dedicado aos afetos nos sonhos, Freud novamente considera os diferentes destinos no processo de formação dos sonhos entre os afetos e o material ideacional, embora reconheça inicialmente que na análise dos sonhos os afetos permanecem inalterados e que o material ideacional sofre deslocamentos e substituições. Porém, ao avançar na sua argumentação, Freud se dá conta que também a parte afetiva sofre transformações no processo de elaboração onírica. E estabelece:

Uma premissa necessária a tudo isso é que a liberação do afeto e do conteúdo ideacional não constituem uma unidade orgânica indissolúvel como as que estamos acostumados a considerar, mas que essas duas unidades separadas podem ser meramente soldadas e podem ser assim destacadas uma da outra pela análise. A interpretação de sonhos nos revela que este é de fato o caso (Freud, 1900, p. 493-494).

Essa separação e a diferença entre os destinos do afeto e do conteúdo ideativo são, para Freud, obra da censura no sonho. De acordo com Green (1982), o conjunto de transformações dos afetos no sonho inclui a supressão

(desaparecimento do afeto no sonho), o deslocamento (transferência do afeto para longe do seu representante ideativo numa outra parte do sonho), a subtração (empobrecimento do afeto dos pensamentos no sonho), a inversão (transformação de um afeto em seu contrário – mais comum no caso em que os afetos originais são “proibidos”) e o reforço (intensificação do afeto “permitido” no sonho em substituição ao “proibido”).

No intervalo entre *A Interpretação dos Sonhos* e os *Artigos sobre Metapsicologia* pouco foi produzido teoricamente a respeito do afeto. Porém, um ponto importante deve ser destacado a partir das análises dos casos do “Pequeno Hans”, *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos* (1909a), e do “Homem dos Ratos”, *Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva* (1909b), e do artigo sobre *A Dinâmica da Transferência* (1912): trata-se da ideia de “ambivalência”, definida no *Vocabulário da Psicanálise* como a “presença simultânea, na relação com um mesmo objecto, de tendências, de atitudes e de sentimentos oposto, por excelência o amor e o ódio” (Laplanche&Pontalis, 1970, p. 49). O termo, criado por Bleuler para definir um sintoma marcante da esquizofrenia, serve a Freud nestes textos para descrever certos fenômenos clínicos e, principalmente, para corroborar a insistência de seu pensamento em produzir dualismos, ao postular que a vida afetiva dos homens também é feita por pares antitéticos.

*O afeto na Metapsicologia*⁵

Em 1915, nos *Artigos sobre Metapsicologia*, Freud empreende uma enorme sistematização do conhecimento adquirido até aquele momento, acrescentando algumas novidades e significativas transformações à teoria. Novas teorizações a respeito do afeto também surgem desta tarefa. A introdução dos *Artigos* se faz com o texto *Os instintos e suas Vicissitudes*, onde Freud enfatiza a necessidade de conceituação da pulsão, nos seguintes termos:

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam

⁵ Para fins de compreensão, os seguintes termos serão tratados aqui como sinônimos: ansiedade ou angústia e instinto ou pulsão (e os seus derivados, instintual, pulsional). A discussão sobre a terminologia utilizada por Freud e as traduções dos termos do alemão serão tratadas no próximo tópico deste capítulo.

dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915, p. 142).

Na descrição mais aprofundada da pulsão, Freud estabelece quatro aspectos a serem destacados: 1) a “pressão” de uma pulsão é o “seu fator motor, quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa” (Freud, 1915, p. 142); 2) a “finalidade” de uma pulsão é sempre a satisfação, a eliminação do estado de estimulação de sua fonte; 3) por “fonte”, Freud entende como sendo “o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto” (Freud, 1915, p.143); e, finalmente, o “objeto” de uma pulsão

é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir a sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo. Pode ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que o instinto sofre durante a sua existência (Freud, 1915, p. 143).

Logo em seguida a essa definição, Freud procura tratar do problema das diferentes qualidades que atuam na vida mental a partir das fontes das pulsões que se originam no corpo. Mais uma vez, porém, suas considerações não são conclusivas: “seja como for, só numa relação ulterior seremos capazes de esclarecer o que significa o problema da qualidade dos instintos” (Freud, 1915, p. 144).

A partir deste rearranjo conceitual, o afeto passa a estar associado à dimensão pulsional, sendo entendido como um dos representantes psíquicos da pulsão, a que Freud se refere como “montante de afeto” ou “quota de afeto” - fator quantitativo indeterminado -, distinto do representante-representação (ou ideia). O mecanismo do recalque, descreve Freud, opera no sentido de impedir o desenvolvimento do afeto, separando o afeto da representação, guardando diferentes destinos para cada um deles. No que diz respeito ao montante de afeto, três são os destinos possíveis: ser suprimido, transformar-se em angústia ou aparecer como um afeto qualitativamente colorido. Estes dois últimos casos são apontados “como sendo uma vicissitude instintual ulterior, a *transformação de*

afetos, e especialmente em *ansiedade*, das energias psíquicas dos *instintos*” (Freud, 1915, p. 177). Sendo assim, seguindo as linhas gerais dessa concepção, podemos reconhecer uma forte associação entre o afeto e o ponto de vista econômico - terceiro pilar da metapsicologia freudiana, ao lado dos pontos de vista tópico e dinâmico -, sobre o deslocamento de energia no aparelho psíquico.

No capítulo sobre as emoções no artigo *O Inconsciente*, Freud declara que “os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (Freud, 1915, p. 204-205). Dessa forma, o afeto só se apresenta quando ligado a uma representação na consciência, não podendo haver, segundo Freud, afetos inconscientes. Apesar de a experiência clínica demonstrar o contrário e afirmar a possibilidade de estruturas afetivas no sistema inconsciente, Freud parece propenso a se manter fiel à ideia desenvolvida no *Projeto*, sobre ter que se pensar que

faz parte da natureza de uma emoção que estejamos cômnicos dela, isto é, que ela se torne conhecida pela consciência. Assim, a possibilidade do atributo da inconsciência seria completamente excluída no tocante às emoções, sentimentos e afetos (Freud, 1915, p. 203).

Novamente, ao final deste capítulo, Freud parece refugar e considerar que no “estado do nosso conhecimento a respeito dos afetos e das emoções, não podemos exprimir essa diferença mais claramente” (Freud, 1915, p. 205). De acordo com Green, as imprecisões, ambiguidades e dificuldades teóricas surgem da definição do conceito de pulsão e de “instrumentos conceituais que não permitem pensar o *acontecimento* que ocorre nesta encruzilhada psicossomática ou somatopsíquica” (Green, 1982, p. 201, grifado no original). Sobre o afeto, ele conclui:

Afinal, o afeto como quantidade e o afeto como qualidade são indissociáveis. A distinção entre aspecto objetivo (quantidade) e subjetivo (qualidade) pode levar a desenvolvimentos relativamente independentes, mas é preciso que as duas dimensões se reúnam. Embora seja verdade que tensões máximas de prazer podem ser desejadas e tensões mínimas de desprazer podem ser temidas, uma quantidade elevada tanto de prazer quanto de desprazer é sempre vivida como uma ameaça para o ego e para o aparelho psíquico. Aquém de um certo limiar, são possíveis combinações entre tensões agradáveis e desagradáveis (Green, 1982, p. 198-199).

A virada dos anos 20

A partir de 1920, com a reformulação da teoria das pulsões e a elaboração da segunda tópica, os processos psíquicos ganham novos entendimentos e se tornam mais complexos. A angústia assume papel decisivo no processo de divisão do aparelho psíquico, tornando-se a causa para o recalque e não mais consequência deste. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud corrige a distinção entre os dois grupos de pulsões primordiais (as pulsões do ego e as pulsões sexuais) que havia proposto como suposição precária nos *Artigos sobre Metapsicologia* (1915), uma hipótese de trabalho, para afirmar categoricamente:

Nossas concepções, desde o início, foram *dualistas* e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre os instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte (Freud, 1920, p. 73, grifado no original).

O caráter especulativo com que a “pulsão de morte” é apresentada neste texto na trama conceitual freudiana “surpreendeu a tal ponto os demais psicanalistas, que a maioria deles recebeu com reservas a nova tese, a qual mesmo hoje é fonte de numerosos debates e se oferece à contestação de diversas correntes” (Mezan, 2006, p. 251). A defesa de Freud se baseia, principalmente, nos casos dos sonhos traumáticos e da compulsão à repetição observados na clínica, onde os princípios de prazer-desprazer e de realidade parecem não oferecer explicações suficientes para esses fenômenos. Como resultado desta transformação teórica, uma nova articulação da “geografia da mente” torna-se necessária, o que se realiza no texto *O Ego e o Id* (1923). A decomposição do aparelho psíquico em Ego, Id e Superego e a diferenciação destas entidades em função do desenvolvimento e dos processos de identificação abrem caminho para uma série de novas considerações clínicas e teóricas.

Essas considerações levam Freud a um estudo mais aprofundado sobre a angústia em *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926[1925]), onde vai conceituar a angústia por uma qualidade de *indefinição* e *falta de objeto*, energia “pura”, desvinculada de qualquer representação, resultante de processos provenientes do id. “A ansiedade é um estado afetivo e como tal, naturalmente, só pode ser sentida pelo ego” (Freud, 1926[1925], p. 164) – “sede real da angústia”. Neste texto, Freud distingue dois tipos de angústia, ou melhor, duas modalidades de origem. A

primeira delas é a angústia automática, involuntária, que surge quando o indivíduo se encontra diante de uma situação traumática, ou seja, de um afluxo de excitações que não consegue dominar. O estado de desamparo do recém-nascido humano que é incapaz de satisfazer suas necessidades e de pôr fim às tensões internas é considerado como o protótipo desta situação traumática. A segunda se refere ao sinal de angústia, que pode ser definida como uma reação do ego a uma situação de perigo, um sinal. Para Freud, a angústia experimentada ao nascer é entendida como o protótipo de todas as situações posteriores de perigo (Freud, 1926[1925]).

Assim, o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do superego, até o período de latência. Não obstante, todas essas situações de perigo e determinantes de ansiedade podem persistir lado a lado e fazer com que o ego a elas reaja com ansiedade num período ulterior ao apropriado; ou, além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo (Freud, 1926[1925]), p. 166).

Mais adiante, ele insiste: “pois se o ego não despertasse a instância prazer-desprazer gerando ansiedade, não conseguiria a força para paralisar o processo que se está preparando no id e que ameaça com perigo” (Freud, 1926[1925], p. 169). Na introdução do texto *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud reconhece que o prazer e o desprazer não podem ser reduzidos apenas a uma explicação da diminuição ou do aumento da quantidade, respectivamente, apontando para a necessidade de se pensar em uma característica qualitativa na elucidação do problema numa articulação com o aspecto quantitativo, de maneira muito semelhante a que ele havia proposto no *Projeto*: “talvez seja o ritmo, a seqüência temporal de mudanças, elevações e quedas de quantidade de estímulo. Não sabemos” (Freud, 1924, p. 200). Mais uma vez, percebemos a hesitação de Freud em relação a essa explicação.

Anos mais tarde, em *Análise Terminável e Interminável*, portanto, em um de seus últimos trabalhos, no qual trata do final de análise e das limitações ao tratamento, Freud reconhece ter dedicado muita atenção às abordagens dinâmica e tópica da metapsicologia e, com isso, ter negligenciado a linha de abordagem econômica (Freud, 1937). Contudo, a manutenção do dualismo mente-corpo (ainda que flexibilizado pelas fronteiras mais porosas com a teorização do Id –

principalmente na *Conferência XXXI* (Freud, 1933[1932])) pouco acrescenta à conceituação do afeto.

Especificamente em relação ao afeto, Green afirma:

Nossa análise do caminho de Freud, dos *Estudos sobre a Histeria* ao *Esboço da Psicanálise*, mostra-nos o lugar inalienável do afeto. Sua omissão, com respeito à teoria, parece-nos ser o signo da forclusão cujo efeito, como se sabe, é o de sempre voltar ao sujeito por via do real (Green, 1982, p. 228-229, grifado no original).

1.3

Terminologia e Conceituação

A terminologia utilizada em psicanálise para a construção do seu edifício teórico-conceitual sempre ocupou lugar de destaque nas discussões e divergências entre as diferentes correntes do campo psicanalítico. Em parte, podemos considerar que essas divergências surgem, em primeiro lugar, de imprecisões do próprio texto freudiano, mas também das traduções para as diferentes línguas de sua obra, resultando em diferentes usos e conotações dos termos e, conseqüentemente, na produção dos conceitos.

No caso da *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* [ESB], traduzida para o português a partir da tradução da edição inglesa dos originais de Freud, a confusão se deu pela indiferenciação dos termos ‘instinto’ (*Instinkt*) e ‘pulsão’ (*Trieb*) e pela escolha em traduzir *Angst* (*anxiety* no inglês) por ‘ansiedade’ – entre muitas outras. A posterior influência francesa na psicanálise brasileira acabou por produzir o uso de ‘angústia’ (a partir do francês *angoisse*) no lugar de ‘ansiedade’. A respeito desse problema da tradução de *Angst*, escreve Hanns (1996):

Ocorre que Freud transita, às vezes, num mesmo parágrafo, de um uso coloquial para um uso técnico, bem como frequentemente emprega os termos de modo que se possa fazer uma dupla leitura (ora como designação nosológica, ora como afeto). Além disso, Freud transcende o quadro estrito da nosologia psiquiátrica, abarcando psicanaliticamente dimensões ligadas à língua e à cultura (Hanns, 1996, p.72).

A confusão aumentou e os debates se intensificaram a partir do trabalho de Hanns (1996) e, posteriormente, da nova tradução da obra de Freud para o português, feita diretamente do alemão (Freud, 2004), onde *Angst* aparece como equivalente a ‘medo’, em português. A gradativa importância assumida pela angústia na teoria freudiana e em boa parte do campo psicanalítico veio acompanhada de um certo “desinteresse” pela conceituação do afeto e da distinção entre sensações, emoções, sentimentos. Na discussão a respeito da terminologia em seu trabalho, Green insiste em destacar o uso de “afeto” em psicanálise como

um termo categorial que agrupa todos os aspectos subjetivos qualificativos da vida emocional no sentido amplo, compreendendo todas as nuances que a língua alemã (*Empfindung, Gefühl*) ou a língua francesa (*émotion, sentiment, passion*, etc.) encontram sob este tópico. *Afeto deverá portanto ser compreendido essencialmente como um termo metapsicológico, mais do que descritivo* (Green, 1982, p. 20, grifado no original).

De acordo com Assoun (1996), a noção de afeto (*Affekt*) foi introduzida pela psicologia científica alemã e foi “nos ‘*Princípios de psicologia fisiológica*’ de Wundt (1874) que Freud pôde encontrar a idéia de um processo psicofisiológico composto por um elemento ‘representacional’ (“motivo”) e um elemento ‘afetivo’ (móvel)” (Assoun, 1996, p. 152, grifado no original). No *Vocabulário da Psicanálise* (1970), de Laplanche e Pontalis, afeto “exprime qualquer estado afectivo, penoso ou agradável, vago ou qualificado (...) expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações” (Laplanche&Pontalis, 1970, p. 34). Nos dicionários de Roudinesco (1998) e Hanns (1996), “afeto” não aparece como verbete. Sobre o lugar do afeto Assoun escreve que,

Por um lado, Freud não opõe qualquer dificuldade ao reconhecimento de um papel para o “afeto”, ao lado da representação – e portanto em igualdade de direitos com esta, como “representante” da pulsão -, de modo que a teoria do afeto mereceria figurar legitimamente no seio da “doutrina” metapsicológica central. Mas, por outro lado, tudo se passa como se o “representante-representação” fosse o representante “definitivo”, o afeto designando uma “margem” que jamais deve ser “esquecida”, mas não podendo reivindicar o mesmo estatuto de seu “simétrico” representacional. Existe aí, logo se percebe, um terreno propício para um dos debates metapsicológicos mais apaixonados da era pós-freudiana. O mais prudente é restituir o momento do afeto ao seu lugar próprio na construção do objeto metapsicológico, para lhe reconhecer um lugar próprio em alguma parte entre os hinos à afetividade que o “hipostasiam” e as intelectualizações que o desencarnam (Assoun, 1996, p. 151, grifado no original).

A argumentação de Assoun parece interessante por destacar o cenário do problema, mas será que a reivindicação do lugar apropriado ao afeto será encontrado na doutrina metapsicológica? Entendo que a origem do problema parece residir justamente na delimitação e na construção da “ficção” do “objeto metapsicológico”, de um “aparelho psíquico” (ou “mente”) que se encontra ligado ao corpo (como uma espécie de dimensão exterior). Pois, todo o registro do afeto, como categoria genérica para se referir à série prazer-desprazer, à dor, ao “humor”, às “paixões”, “emoções”, “sensações” e “sentimentos”, parece exigir a inclusão do corpo em sua teorização. Ou, nas palavras do próprio Assoun:

Por trás do afeto, suspeita-se, é a sombra do Corpo que vamos encontrar, tanto é verdade que o afeto, sob um de seus aspectos, dá para a psique, avesso da vida representativa, e evoca por outro lado as potências do Corpo, verdadeiro desafio à metapsicologia (Assoun, 1996, p.151).

Como vimos ao longo do percurso da teorização do afeto em Freud, o encontro com os limites da teoria e com o aprofundamento da conceituação do afeto foi, em diversos momentos de sua obra, evitado. Mas, afinal, do que exatamente estamos falando quando nos referimos ao afeto e o seu entendimento como representante psíquico da pulsão em Freud? Considero que a observação e o estudo dos termos e dos seus usos podem nos ajudar a fazer escolhas mais úteis para os objetivos deste trabalho e a buscarmos uma compreensão mais clara sobre a conceituação do afeto em psicanálise. A discussão aqui apresentada sobre a terminologia será retomada mais adiante, ao final deste trabalho.